

digno ócio

rodrigo uriartt

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BIBLIOTECA
DO EXILADO

digno ócio

. : p o e s i a s : .

rodrigo uriartt

[**ópio povo**]

ópio é o que ficou desse tempo sem ócio
digno de ser remela do lobisomem branco
códice surrado em meio aos cartões de
crédito : urra Mundo! tua dor é ponte
pra corrente dos contentes : teu dolo
rói a visão infúria : nada que me diga
relembra a consciência nagual : nada que
ocorra em dois mundos: nadasementedenada
ou desígnio da anticobra que tudo devora

POA – III ANO DO TIGRE DE METAL

“Não há nada incompreensível”.
Lautreámont. Poésies II

Para a Sol.

Prefácio nada fácil

por Fabio Godoh

Rodrigo Balão Urina & Arte

Chamo-te "Balão" por causa da loucura,
Loquaz caricatura de um judeu a vomitar
O vinho e a verdade sobre a arte de pensar
Medroso de pingar pra fora da moldura...

Chamam-te "Balan" aqueles com cultura,
Que acham que aquilo que tu faz é poetar;
Cago na "Estela" e depois como no jantar,
E da arte, mijo inteira a sepultura!

Suíno ócio eu te vejo amargurando,
Gigolotagem de um ex-puto arrependido....
C'argentininha falcatrua dança um tango,

Mas eu te peço, Abravanel do pau cindido,
O teu cuzinho siga a ouro folheando
Até que cague a chave d'ouro que preciso.

F.G. 2001

1. Sob o signo de Maldoror

Em 2001, as previsões astrológicas indicavam uma intensificação dos desafios e das mudanças que a humanidade enfrentaria com a entrada no século 21. Na ocasião, Sol e Mercúrio estavam em Escorpião, o que significava a necessidade de aprofundamento em nossa busca pessoal. Mercúrio, no entanto, apresentava características um tanto quanto retrógradas, atrasando um pouco as condições ideais à introspecção contemplativa. Além disso, Vênus e Marte manifestavam certa ansiedade mística, o que, por certo, dificultaria a fluência tranquila dos relacionamentos, apesar da evidente necessidade de fortes paixões.

Por essa época, eu ignorava com orgulho tais especulações. Inclinado ao racionalismo histórico das vanguardas paulistas, não apenas desconhecia por completo a amplitude cósmica do inconsciente coletivo, mas fazia questão de ridicularizá-lo sob a luz da semiótica de Pierce. Com a palavra atravessada nos olhos, eu era apenas um estudante de literatura embriagado pelos limites da razão pura. Mas, sem que eu mesmo soubesse, este novo século, que despontava silencioso de tanta utopia, lentamente fecundava, sob o solo assexuado do materialismo, uma tempestade cármica de sincronicidades apaixonadas, acarretando consequências definitivas para a minha vida.

Eu conheci Rodrigo Balan Uriartt por intermédio da artista plástica Camila Schenkel, então minha namorada, que recém havia ingressado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Simpatizei de imediato com Balan. Uma figura macilenta e descabelada, com dedos no lugar dos olhos, e uma pele vazia por trás dos óculos quebrados. No entanto, logo reparei que Balan representava o meu exato negativo intelectual, o que fez com que eu mantivesse, num primeiro momento, um certo distanciamento regulamentar crítico. Sempre encharcado de vinho, Balan costumava impor ao grupo de jovens estudantes, reunidos em torno de Camila Schenkel, com voz forte e profética, toda aquela anarquia místico-surrealista que não me despertava mais que desprezo: Balan era a voz do novo século que martelava em meus olhos atravessados pela palavra “silêncio”.

No entanto, algo me atraía naquele judeu bárbaro de ouvidos tortos e unhas

salpicadas de tinta. Inconscientemente, comecei a procurar alguma possibilidade de conexão com aquele verdadeiro “furacão sem olho”, mas minhas tentativas esbarravam na incomunicabilidade e no distanciamento psicossocial. Cheguei a pensar que o dadaísmo – doutrina na qual eu começava a mergulhar – pudesse estabelecer algum vínculo com aquela alma dócil e amaldiçoada. Mas foi em vão. Balan falava de ocultismo, astrologia, I Ching, e, no campo da arte, parecia ainda acorrentado ao romantismo, de modo que o abismo Dadá em que eu enterrava a minha covardia lhe despertava apenas uma seriedade cética.

Nesta época, chegou às minhas mãos, pela primeira vez, os poemas de Rodrigo Balan, escritos em mesas de bar, manchados de vinho e hermetismo. Balan fez circular entre o grupo uma espécie de coletânea de seus escritos, e eu diria que ali já estava pronta a alma de “Digno Ócio”, o livro que o leitor agora tem em mãos. Confesso que, na época, aqueles poemas me despertaram uma sensação angustiante de, por um lado, displicência linguística, e, por outro, escatologia moral. Parecia interessante, mas não me provocou entusiasmo desproporcional.

Na passagem do ano, acompanhei o grupo de estudantes de artes a uma viagem ao litoral do Uruguai. Durante uma tarde ensolarada em Montevidéu, eu ouvi Balan comentar, subitamente, sobre Isidore Ducasse. Até então, jamais eu tinha ouvido dele alguma referência a esta personalidade literária que tanto me fascinava, e que, de fato, tinha nascido ali, em Montevidéu, de modo que meu coração disparou e meus olhos incendiaram. Estava, enfim, desvelada a cadeia cármica de ódio e amor que prenderia, para sempre, o meu coração ao coração de Rodrigo Balan Uriartt.

Assim, partimos os dois em busca da casa de Isidore Ducasse. Varremos as bibliotecas atrás do endereço, peregrinamos por ruelas da Cidade Velha da capital uruguaia, e, por fim, descobrimos que não só a rua, mas todo o bairro que deu à luz o autor de Cantos de Maldoror havia sido riscado do mapa para a construção de uma grande avenida às margens do Rio da Prata. Sentados em um banco, sob um Sol de Mercúrio, olhando para os barcos que partiam rumo à Escorpião, eu e Balan choramos abraçados a morte da rua do maior poeta que já existiu.

2. A Incerteza Ontológica

O ano de 2002 foi um dos mais importantes do meu mapa astral. A literatura começava a se afirmar com ares de adolescência tardia, mas necessária. Aos poucos fui abandonando o rigor concretista e enveredando pelos caminhos sem volta do irracionalismo de vanguarda. No rádio, eu e Marcelo Noah explorávamos a sonoridade das palavras em voo, e as artes plásticas avançavam pelos campos do meu instinto, de modo que, juntamente com Fabiano Gummo, Artur Costa, João Mognon e, é claro, Rodrigo Balan, eu e Noah articulamos a primeira exposição de Poesia Total de Porto Alegre: "NavePoesia Galacto-Canibal", que ocorreu no Planetário.

Ali, Balan apresentou muitos dos poemas de Digno Ócio, adaptados para a proposta verbivocovisual – entre eles, a síntese suprema de sua alma poética, o aclamado vídeo experimental que deu o nome ao presente livro. Foram dias de muito conflito, muita paixão. Nas discussões sobre a concepção da mostra, eu e Balan quase chagamos a trocar sopapos na cara dos fatos. Mas encontramos a paz através da anti-arte: "Na noite de véspera da inauguração, eu e Balan saímos para nos embriagar nos arredores do Planetário, e subitamente encontramos no chão alguns restos de adereços teatrais nas proximidades da Faculdade de Psicologia. Logo percebemos que eram vestígios de alguma performance, muito comum entre jovens aspirantes a terapeuta. Então, decidimos recolher o lixo e levá-lo para o Planetário, a fim de apresentar o material como uma grande obra no dia seguinte". E foi, de fato, o que aconteceu – nosso primeiro poema feito em parceria, intitulado cinicamente de "Maldoror".

Outro fato importante dessa época é o vídeo "Abravanel contra o monstro da arte contemporânea", protagonizado por Balan: um marco no pensamento ocidental. Tudo partiu de um texto que eu escrevi para a mostra do Planetário, chamado "A incerteza ontológica", no qual eu inventava, por meio de uma linguagem acadêmica, o relato de um artista cuja obra era persuadir os visitantes de uma Bienal a abandonarem o recinto e (sob a evidência de que a arte havia sucumbido à incomunicabilidade) a contemplarem o pôr-do-sol no Guaíba. Devido à polêmica gerada em torno dessa ideia, portanto, resolvemos produzir um pequeno vídeo, no qual Balan interpretava o personagem niilista do texto:

“Bobagem”, gritava ele, embriagado, com as mãos em punho em direção ao povo que adentrava o palco da Bienal.

3. Urina & Arte

Um dia, eu vi Balan beber mijo. E aquilo mexeu comigo.
Profundamente.

Estávamos todos enchendo a cara na casa de alguém,
quando ele se levantou e disse: “Eu sou capaz de beber mijo!”

A música parou. Os olhares se acenderam. Eu senti meu coração latir.
E sob uma névoa de perplexidade,
Balan subitamente arrancou seu pau circuncidado para fora das calças,
e mijou no copo.

Como um brilhoso vasilhame repleto de cerveja cristal,
ele então levou o copo à boca,
e entornou seu próprio mijo,
como quem bebe o santo daime.

(Então, eu entendi tudo. E só naquele momento comecei a compreender o que Rodrigo Balan fez não apenas pela poesia, mas pela linguagem. Então, tudo tornou-se alvo, salvo brilhante, dinâmico e trêmulo para mim.)

Com aquele gesto, enfim, Balan arrancou definitivamente a palavra “silêncio” atravessada nos meus olhos, e a purificou em chamas dentro do coração de Mercúrio.

-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-



Nume

antimantra

deite no quadrado verde
enquanto
adentra a faca car
ne quente
dei-te o sagrado, vede!
tá tonto
destravando a fraca al
ma, tente
entender o quadro, tente
enquadrar a fêmea ka
li, tenta
enfiar a faca rente
sangue corrente sen
te cálida

galatéia

esteios do mundo vício
meu medo em pedra-pomes
surra de tempos alheios
: ali ferver fundo fel

quis dizer boca a boca
: és espelho sem brilho
polido de luz e rudeza !
grande dor no oco peito

chaga fria que abençoa:
ser vago é melhor que
partir o amor a esmo
: vês apenas o reflexo !

receio de dar no muro:
grato ao seio que mamo
: dizes o que já sei :
o medo é porto-seguro

lóris

downtown: outra vida, outra cidade
vem dum bueiro como penugem!

mesa redonda
redondo meu pensamento
dentro de uma música
mata o amor

atrás estão as pessoas
com mentes-quadrado
corações espelho quebrado
matando o amor

amor arredonda
como doida dádiva soma
dá tanto quanto tira:
seu ardor sua dor

fugir dessa fúria
não redime nossa culpa:
vamos entrar na música
matar o matamor

sexagenário

“Allez, la musique.”

pretos meus olhos afundados
cor de shampoo de algo
que virou bolha
lodo
escorreu pelo ralo
me tornou caça fácil
a beira de um lago
de cera derretida
sete dias queimando
saí com os cabelos fervendo
em piolhos e as piores chagas
sorrindo
contente
como um mineiro fuliginoso
saído
dum buraco
busquei o botão
fácil : a música gravada
ouvi

selo sete

terá que fechar
a terra em feixes
de mileumanoites

não terá tempo
(a terra terrará os peixes)
de fechar as carafeias
dos oce-anos

doismiledoze parafusos contusos
aparecerão no encerramento
dos fusos
paracelsos nas cadeiras cativas
adiantarão os vão-vem do pêndulo
e os bebês berbes ming
trarão os obuses
(serrarão as cruzes)
paralelamente ao bacanal em fascículos
as moiras cuspirão milhares
de calcanhares aquilinos
e os sinos serão os silos
e os silos serão os sinos

silogismos sismos d’era

love horror movie

a rua começava a escurecer
um dia novo começava na rua
as pessoas na rua eram pessoas na rua
um pedaço
aquélla mañana una nube de sombra en la calle
eu tinha dez anos de nostalgia
aquelas lembranças mortas nos rochedos
um dia procurei Ilusão
ela estava nua e drogada
tinha uma calcinha vermelha
sua pele alva
um dia nos perdemos por lagos descobertos de verde
que sabe ela da violência?
não nos amávamos como nos filmes
uma brincadeira de esconder
faroeste, bangue-bangue
gritei desesperado
as telas se apagaram
a luz de teus olhos:
virados
estavas morta
e eu a poucos passos do lago
tudo cheio de lama
estou descalço na tua grama
tua verde bocetinha secou
e desmanchou o mundo verde:
tinha eu dez vezes dez anos então

olho antigo

caminho entre espadas cruzadas
a rocha racha em rajadas de aço
cortando meu mundo de foto
amarelada

a boca nova do mundo
morde meu peito crisálida
e a pedra não é azul
e a pedra não é azul

caminho & bato fotos
que não são luz & sombra
e não estão aí & estão
desandam da moldura
dos meus olhos
pupila:

pedrazul ! pedrazul !
margem & rio

ovo

pediram um poema que fosse duro
como uma rã de pedra
e que expelisse uma gosma de merda
verde, indo bem fundo
na captura do Verbo íncubo

isto encheu-me de muito nojo
ver deus salpicado como um polvo
e pecando e peidando e pisando
em nossas cabeças de ovo podre

isto encheu-me de muito nojo

angustura

boca toda aberta pro mundo
deitei de costas pra tudo
boca e língua pra fora
olhos e dentes pra dentro
beijei a porra do mundo
atrás e a frente
as pernas andam
deuses que morrem
abismos negros até o inferno
atravessa o vento pelas ínfimas frestas
atravessa a vontade do lá fora
atravessa também a metáfora do-que-é-você
as leis : a estrutura : o pelo no meio da pinta preta
o amaro : as saias nas canelas : páginas e mais páginas
abarrotadas de palavras azedas

xxii

mesmo que o medo transpareça em teu receio
e que esta maravilha fique incógnita como
metade das histórias que ouvimos conquistar,
ela recebe os fluídos, ela merece os pêras,
ela vinga os inconclusos! quem diria, no meio
do ocidente, entre pigarras e sencientes merdas,
endormecidos, como tangos cubanos (existe isso?),
quando tudo parecia derruir ...

eu, outro merda inconcluso, bêbado, vendo o medo
e o amor sem jeito do murmúrio,
espetando o último que veja meu olho, pecava no
tempo em que todos medravam! aqui eles me vejam!
que o vinho seja abundante! que o excremento não cheire
muito! nessa serena alvorada, Cartola benção finimundi :

mesmo que o medo transpareça em teu receio, ela veja
e perceba que a verdade não é minha roupa, que vero
desapercebido reencontro :



Ópio Povo

illuminati

quem era o rapaz que perdeu quem
sua vida num dia de tempestade
Ela atirou as flores roubadas
pedra tumular abrindo ao meio
quem dera que fosse guerra mas
nua Ela escondeu sua vagina púbere
atrás de sua cama há um cartaz
perdeu a cruz no meio das retas
queima a pira do amor primeiro
lua atrás, sol radiante, úberes
saltando travesseiros, prados calmos
perdizes revoentas revolvendo as moitas
querem a tua morte essas moiras
rua sem saída, noite sem lumens
salgado sangue servido em cálices
quem canta essa canção não é Ela
é o olho que tudo olha pirâmideu
querem o que quer o que se perdeu

o gulag

também fico excitado com o que escreves & me perco em
desejos de verbo e carne & despejo ócio na cara da tua
letra & entristeço por não poder tocar teu corpo esguio
& finjo um *blasé* que não sou : apenas paixão e gesto &
partido ao meio preparo a semente de algo que não se
encontra nas esquinas-feridas : de algo que não se joga
pela janela : dessa coisa preta & vermelha que coça em
nossa garganta & abençoamos o nosso pecado com suor
& sonho & luz-se-fez : roubar o fogo entre as pernas
dessa deusa devoradora de nudez : esfinge sem enigma :
vida sem medo : amor sem posse : tesão sem falta
& ser como velho no fundo do oceano & furar a fome
do mundo poeira & uma vez apenas tocar a verdadeira
face do outro : como ouro alquímico transmutado &
a boca é como cobra : uma ourobóros que beija-alma
& no meio do caminho dessa vida esquecemos todo o resto
& sem precisar lembrar recordamos tudo que não é inútil
: samsara que rodou a esmo : maya deitada no divã de goya :
kali rodeada de crânios brilhantes & sua yoni tremendo
na chuva ácida não vai perder uma gota do sêmen mortal

ondas prata em noite negra

(no cabo das tormentas)

os olhos abertos foram cinco dedos estes
riscos e os olhos não eram veros
para no véu do azul
saquei que o mundo é triste este a imagem não
olhar para o vero
é loucura
ela inventou isso : ela é arranha-céu
as paredes choram com rocio da vida
mesmo electricamente
baleia branca e cheia de esporas ela mata os dias
alimentar o súcubo de cérebro cerrado
não é miséria humana isto?

bah bah bah! palavras de baleias estas e
batem em direção à correnteza dos padres batinados
em meio ao medo em meio ao medo em meio ao medo
bah bah bah! leve essa pureza ao inferno!

o medo rochedo não pode ser o vero :
véu de azul desvela e venta o barco

pedra de roseta

sêmen do homem em dólmens deitado
a palavra salva seu mal pedaço
arte de escrever o revés através do real
a letra mais feia
está no meio do mais belo farol
leve teus prêmios, meu caro
leve
or in closer rest
by shadows forget - ouve o pé na telha
então espaço : tédio : tempo : música pentelha
tinha que cantar essa mulher telúrica
mas talvez única
olvidando nomes e cor
potente corpo envolto em lenços de leite
(dei-te alma onde lanço a semente)
a palavra solve o mais duro aço
ars

12:30

Eu
almocei as pétalas de petróleo
escassas presas de uma noite radiofônica

Desejo
abriu-me como uma cruz crescente:
nervos explodem pela testa, chifres
cinzentos, rugas nervosas:
pulsação

o coração está na cabeça: eu ouço!
remoinho barroco das veias estranguladas
pelo pano vermelho da traqueia
contra minha cabeça eu não tenho mais
Ego

fujamos já da máquina de escrever
uma projeção unidimensional de cordões
negros e brancos e cinzas

Música parece estar dentro do relógio
a solidão parece estar imóvel
nunca se mexe dentro das páginas da inconsciência:
a letra é uma balada para a noite sem fim
Sum!

langanho

[foi massa o sábado desenhando o cálice
a facepedra
um pouco de cada vez
as gotas do vinho na boca
quentes
e um gesto que cresce entre-bocas
- receio que não seja isso ...
estamos no meio dum olho, ó mundo piranha!
a linha solta dentro do papel áspero e põe
um traço de algo que sempre foi meu, reina!]

pra onde foi a meleca do meu amor?
essa noite como pedra no sapato
coloquei-me no meio da mesa dos tolos
e parti o copo com seus cacos cheios
- adeus às armas, meu mundo langonha!
o amor com pedras e pontadas caça
a vida seca dos melecados amantes

mais uma vez fiz o que não devia
e fiquei entre o gesto e o orgulho besta
sem rir de mim e sem o toque gentil
mais uma vez perdi a boca certa

espelhos e bugigangas

porque me perco num desejo sem foco
sombras em tudo um pouco
quando queria ver a tua fuça risonha
nos meus retratos quase sempre tristes
Café Paris :

essa voz que não alcança
a modulação do sofrimento
uma boca tonta tudo toca
o cheiro dela no meu ventre
um odor de fubangagem gostosa

ópio de povo besta
tudo que você pensa
droga ócio potência
besta! espetácula

roda ao sem pendor
estrela do negócio
: under my skin :

neste que acaba
sendo meu mundo
beira o arremedo
duma poça suja

(toda onda
do jogo é
sair da toca e
ganhar do ócio)

wicca

desejo desconhecido
vou perto de ti
e me perco

virtude da máscara
é saber-se dentro do mundo-palco
você acredita em seu personagem?
vista a personae e seja seu

linguagem não é letra

ilusãolinguagem

linguagemiragem

pedra pound pessoa rosa
conhecer é trepar contigo
resignificações medievais :
sois apenas homens... deusa é quem cria!

destino estilo

isto louva aquilo
aquilo louva isto:
é tão bom ser vivo

sinto que o vivo é bom
não?

sim
isto morre aquilo
aquilo morre isto

sim
isso é destino

besteira !

essa é a voz primeira
(certeira voz a tudo
devorando), inteira:
minha besteira, verdadeira
erradeira em beira
da traiçoeira teia

ligeira aranha avança,
nessa veia, varando a
cabeleira da caveira,
ceando a feia ceia
do homem na ceifadeira:
sem eira, nem beira

fragmentos iii

ou conrad partindo numa nau de maus lençóis e
entrando a bombordo um vento baixo de trovão
pernas pra que te quero - entre na casa correndo
os corvos estão todos eriçados
penas pretas entre nuvens plúmbeas
também cantando o pintor atira no peito
o quadro pequeno : essas *lettres* tão esperadas!
até o ruído era pedregoso no meio do trigal
abriu seus olhos por último
acabaram as cartas ao irmão
desce os montes : vem correndo
o poeta não canta mais
a lógica reta
a verdade canhota
nem zen
nem néscia

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

pedras alienadas pelo canto
altura do medo : está caindo
os pesadelos de esparta penedo
irritada
cabelos que cortaram na força afiada
cabelos cortados até a fronte real

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Altaneira dormia (sempre sozinha)
sem soleira nem varanda
recortada na mente
mestre : irracio : ponte
verdadeira pro coração dos pobres : oh pobre!
caída em meio-via : deitada a torto
arremessada carne para abutres da modernidade
sem filme : enredada : cuspia épicas putrefactas
um dente de cada vez
nos saraus
pra quem ? aonde vais ? estas caravelas ébrias
pó negro contaminando os cromos
fígados prometeicos sinalizando voo

até onde doa a dor : como água
no fundo do poço esperando

o coração das trevas

a queda: quando eu disse : bem alto :
passou um avião e abafou tudo
gritei :
avião avião avião avião avião

estávamos ali : como os índios olhando
para as capivaras trepadas nas árvores

a queda : vi que dos olhos do pássaro
explodiam raios pra todos os lados : raios
derrubando o mato, fortes que nem o he-man

fugi : vieram fechando as taperas
fogos : engolimos a mandioca braba
e fomos pro riachim
engolir a morte

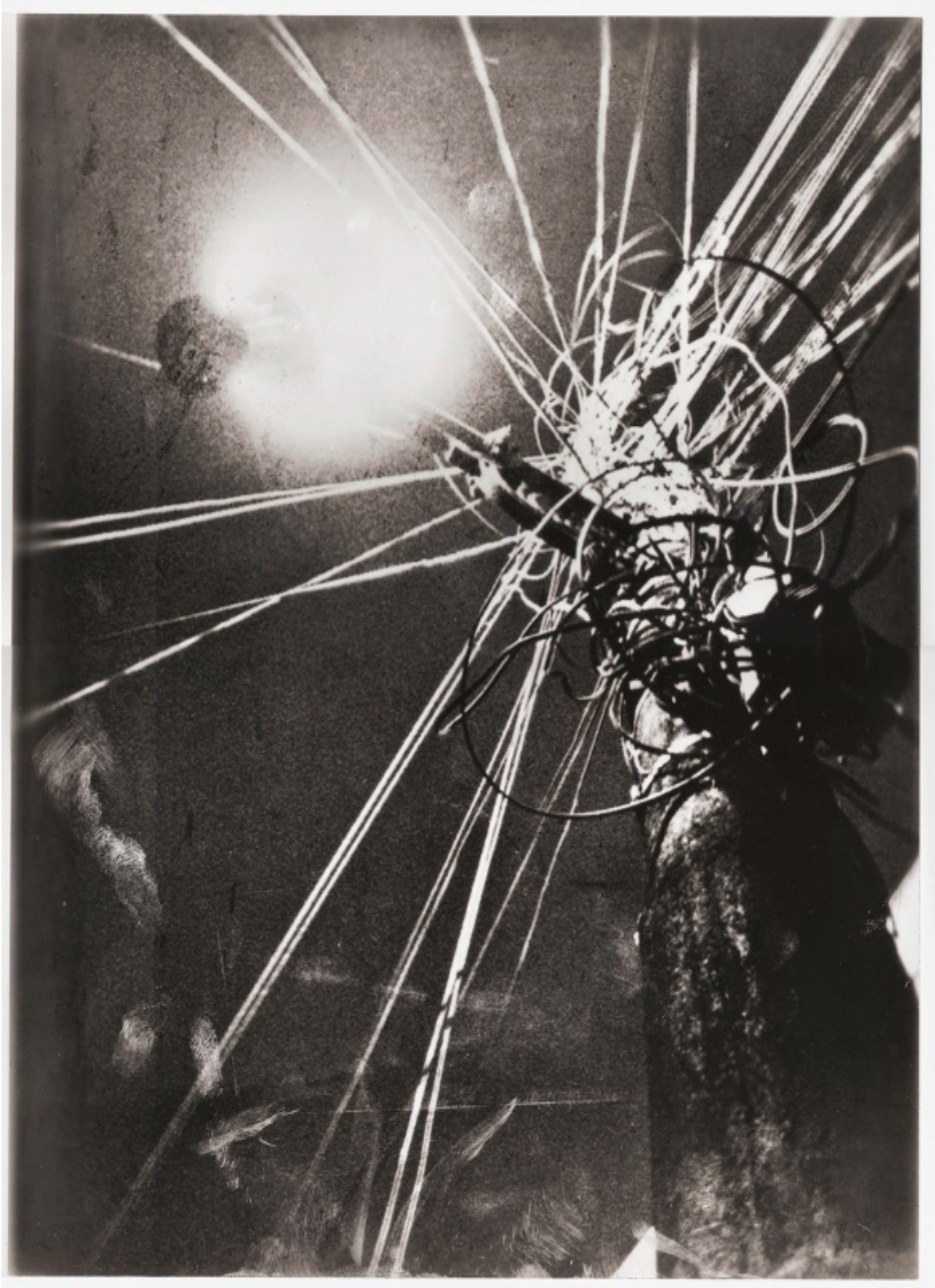
a queda :
(cai-me a noite com rocks psico.
um copo de leite, em cima da tv,
brilha como os dentes da popstar.
cara, vou te acochar uma massa !)

vi a chuva amarga levear
o verde em toda a volta
outros urravam montes
de muco : ondas de luz
saíam rentes a fuselagem
varando os canaviais
dói : ver a fúria

muda dos nativos

guano

pássaros molhados cruzando o céu
molhado
eu tenho apenas oito segundos para
furar a onda : a praia
com coqueiros de vermelho batom
parece inchar a cada novo vento
as dunas
água dura : água de saturno
água de satã
mexe a paisagem parda como
um clip pop opaco
dentro dentro o verbo
aquoso
as fúrias : as hidras
as zibelinas
(abalroaram o navio do medo:
dragão de patas quitinosas)
pássaros sangrentos cruzando o céu
sangrado



rescaldo

puta dos olhos de pedra!

essa é uma canzo portátil
só pro teu e meu prazer,
que corta, agudo punhal,
as costas em cortês afano.

prazerosamente nos tocamos
colados por um estranho imã
que atrai-nos para um banho
de saliva e sêmen e sangue.

meu coração é flor aberta
como é o teu cu ciclâmen,
e até que brotos de merda
cheirem almiscarado, também

minha dor por ver esse odor
de tédio derrete até o fim.
Noigandres ! - isso é Amor:
adiante, detrás, dentre imo.

deserére

toda minha vida está no meio da fumaça
destes mundos: droga - prazer - ócio.
então tu desaparecestes do meu ritual,
fumando uma piteira, partistes para desertos
da Memória. teu nome sanava a falta de
líquido. o sol abrasador percorria as dunas
e a solidão como recife nas areias escaldantes.
os pés sem sandálias ardiam e fugiam.
enterrada na areia nas noites gélidas, até que
o orvalho se depositasse em tua manta: mais
um dia de caminhada atrás de corações-cactos
de suculentos bulbos e ratos do deserto faziam
o banquete - ou a miragem de um oásis de
umidade e tamareiras. deitada na hamada,
espera pela passagem da caravana de camelos,
correndo o risco de ser raptada pelos bandoleiros.
percorro todo o saara atrás das tuas sandálias
polidas. até que o grunhido da raposa,
a febre amarela e os tuarégues livrem o
maghreb dos porcos turcos, não há salvação para
os peregrinos do deserto que cruzam do nascente
ao poente em busca de úmidos lábios de lua

o mictório pictórico

[Duchamp sentado na Fonte segura a
Dama negra entre o polegar e o indicador]

Pensando na arte realizei que tudo é uma piçada
No mictório chafariz do jogador de xadrez,
Que ri da nossa cara e do nosso acervo careta.
Ri tanto que se mija de conceitos bexiguentos !
Quem melhor do que um bigodinho pra fazer
Cosquinhas no ego balofo dum curador ?
“O que conta é o processo… Mande-me seu
Currículo e as indicações internacionais…
Está tudo acertado para as próximas Bienais…”
Artista que pinta não entra, o que paga não sai !
O que choca tem que feder bastante [e gotejar]
O que comove tem que ser socialmente engajado
O patrocinador tem que estar logo na entrada !
O jogador de xadrez já sacou tudo e saiu de cena,
Rindo e se mijando, antes dos urubus marchands
Com seus catálogos, leiloeiros e gavetinhas …
O enxadrista passou tábula rasa no mercado
De arte e saiu pra tomar um cafezinho:
- Eles que se esboroem para decifrar
Meus movimentos, Xeque-mate !

A ironia é mãe de todas as invenções.

dedalus jamais entrou no labirinto

do teu corpo insulado no contrário do verso
da mentira que eu abri ao meio, com pegadas
invertidas – morrendo, pensando que poderíamos estar
em marrocos : antes ver-te andando pela cidade
de são paulo – cinza também pela cor
rente – submassa das ratazanas engravatadas !
bye-byes de gonzos, estrelas de sobras …
eu andando ao contrário [as pegadas estão lá
para enganar os caçadores da Arca] perdido,
medindo as distâncias litorâneas, enseadas
do teu corpo insulado pela mentira que
abriu-me a mente em pegadas invertidas :
mata o pensamento que morre em marrocos !
até me ver ambulando só pela cidade-pau,
perdido também com a contente rubraça
de ratazanas engraçadas. bis-bis de gongos,
estrelas de sombra ou andando ao contra rio,
[as pegadas enganaram todos : leão e caçadores]
medindo as distâncias estelares, semeadas
pelo corpo insulado de mentiras que me
abriram ao meio com pegadas invertidas.
medrando o sonho de achar-me em marrocos :
temor de andar pela cidade de são paulo levado
pelos fios invisíveis que atravessam teu corpo de ilha

circa uno

.
cortázar.
não amo mais nada:
certeza sem alternativa.
com as poucas palavras que me
restam tecerei a tábua de salvação
do meu peito naufragado. morrerei, ou...
espelhos quebrados com o olhar de muitas mortes.
sete gerações amaldiçoadas para sempre. multiplicar
a dor visível do sonho pelo desespero invisível da
vigília. passo. passo. pegada. cortina que rasga.
faca. brilho. agudeza. as costas sangram em
preto & branco. não vai mais parar isso
(tremor nas mãos, depois um calafrio.
estremece com o mormacento vento,
sem pistas: vai)não estava mais
chovendo durante o acidente.
acesso em espiral. tua
sina é estertor e
agonia fria.
finda
.

pontada

a cacetada no meu braço
lumbago que arremete numa dor
casamata do ápice: pontada

em toda essa fúria
que espera

quadros matéricos com muito pigmento e cera pasta
dsdsad
asddd

essa noite em que a dama comeu o rei
revirou teus olllllllllllllllhos
* emplastados de gestos gastos

dad
d
da
dd
ad
d
d
ad
d
ad
d
d

d

d
d
ad
a

w
w
d

ew
e
eed

e
e

eerq hu eue

dEIIe
WPwp

quando ela me olhou com mirada de cera
razão que sonha um pouco de cada vez
boca chupando o pinto oco, o sonho fumaça
olho lambedor das carnes esticadas: urra!

ora
SDÇ´d
ED

AEDD

DP K

S
d
d
a

WKEK

súbice uma unha crava na carne
relembra a lepra do contato feérico
tua boca em meu pau urrou a porra do mundo
e caiu como saliva babada na fincada do fundo do cu

epkekep
ee´[le [e
el´ler
[q
~
kérkre[

kr´k´r[´

krfprp´r[rk´w
qktr´tpkmrm vo on o n oj rb io r
o or nb bi rbk qih 982 nnb ih o
qj ojo wj bni wnn woj webkiw 8yh wo
[wih wioj w[çw qoihi wiugoiu a
[l hiuh hh hi ´= jo pkfjh/[FOJI~/NHFJ
Khf~FHF~ÇFhfbf HBÇO AI A hio ai his ihs iu wabiu aiu
ajh aiuh açh hui aughgua uhg qaugu bu avup9gç qauih a/[a ujg ap /[
/ açgb ap paha huih saujhg augu aug auu7 equba 9p8yhs
suma teológica que viaja na s cnn cjj ffgbfdyg79peuboç
fuça é o que fica entre as bossas dos olhos até o queixo maxila humana
tudo que transparece o caráter, sem o véu sedutor dos olhos, sério,
sorrindo, rindo, mascando o osso do Eu,
acatadura, catadura, cenho, chocolateira, corno, face, facha, fachada,

feições, figura, fisionomia, focinheira, focinho, frente, frontispício, fuça, fuças, fungões, pinta, rosto, semblante, tacho, tromba, trombil, verônica, vulto

as iug du7gup98 oih siugfohfof /9gheif ifg978tgfhftgfd f f8f98tfd~h [gfdp ´HGF GUF ´NF P9ghÍHFGF FGgiuGU9FGUFGOhgGFGUEHhgop/[/
jn 9iuyhi dhohgaghqaio ighig
f.apoc. de fucinho (por focinho), prov. com a term. -inho tomada como dim.; f.hist. 1919 fuças, 1939 fuça
? substantivo feminino
1 focinho, a parte anterior da cabeça de determinados animais
2 uso: pejorativo.
rosto, cara, fisionomia de alguém (mais us. no pl.)
[~jhriohihgjf ihgfhigfoifgo f hgfijghoiayhujruhrjgbççbhrkjnb hiorhg igfi oi
gç gig hç hiug jshgh oa h aj agiu fuug uya fuhf iutgfuhfg oif uafiugfhau oghuugrggaisahgu hioag uoi hg hg uaoih ajguhgahauoaagiçhagugfgh gçohg ghgug hg guiohghoufgu hgughoafiojfyioawoipfgip

-----x-----

longe

estas são as vozes que se desprendem das tochas dos olhos das morenas
só olha pra essas vozes - os outros mundos não importam
como a chaga aberta na estrada compaixão
como um blues de compassos tristes
três vezes até o infinito
noite cantando
aberta para a saliva dos chupadores
prenhe de húmus e lingams
selos minúsculos dum pacto maldito
tingido de cera e sangue :
mas tem que cantar pacientemente

NADA DO OLHAR PÂNICO DAS VOZES

aonde estava / procurando pela música / aonde estava
estourou choveu acabou e morre sobre a cadeira
art nouveau / aonde estava / perdido na música
cage morreu / quem ouviu? / música com m
vejo fios íris luz saindo das coisas / canto d'olhos
óculos novos dourados / aonde estava / voltou nu
quem morreu? / o pai / cantando my funny valentine

desejos modernos
não sei…
o amor é tão antigo
despeja
óleos nos nervos
beijos pura-polpa

temperos
música sibilina :
as imagens dormem edredom de penas :
vejo minha cabeça dentro da tua cabeça dentro da minha cabeça
:

mina

felicidade: tarde ela chegou
com as mãos de folha verde
entrando no quarto a meia luz
pisando nos livros lidos pela
metade:
quis que eu lhe desse um beijo

e eu a beijei como em sonho
quase acordado entre seus braços
quase beijando sua sombra no sonho

daí que meus olhos miraram a íris
rachada
donde negros mineiros furavam a esmeralda
com vários raios cobaltos:
explodiu a minha careta
num riso negro

quiau! quiau! quiau!

peneira

ela atravessou minha vida como tiro
de canhão
ela figura nos calendários
e agendas de anos passados
que se insiste em guardar
no fundo do armário
ela aparece e desaparece como doença
crônica
não sei mais o significado de nada
não sei mais onde pôr as mãos
ela cicatriz sangra frigi aloja
eu espinho vazio vou morar no vazio

um dia de Lisabunda

longe corria o ônibus do sonho
vou junto
a musa só anda de táxi
lisabunda
só há terror em seus olhos
negros
tritura - sofrimentos medíocres
lisabunda
sorri pérolas negras
(do seu cu)
vai fundo no prazer sem culpa
aterroriza - medos sôfregos
lisabunda
(caga sobre tudo)
não se importa com a compostura
postula que tudo é a mesma
m e r d a
seja ela preta, branca : seja bela
seja pútrida!
Lisabunda

natiture

jogas o terno ao telefone
mordes verbo entronizado
sexo mas não tenho
litanias ombros conquistados
jibóias contando o espinhaço das algas
vento de gesto em cadeia
não começa aqui o receio
mas o braço dói sobre papel
todo nervo retraído estremece
lido o manifesto ela só quer aquilo
passei um trago tentando entender a voz
livre das cadeias do telefone
recitando o trago calado
até a uma da manhã

este

poesia de estrada sem amor
meu amor sem estrada arrebentou
atrás da lâmina arrebente

sai que meu mundo não percebe os olhos
castanhos, estes tão aparecidos
não sei porque essa mulher não me vê
dentro da estrela azulada
espelha os códigos não sei porque nessa hora
além os olhos das estradas
além as chagas espelhadas

basta que as pomadas sequem a gordura d’olhos

S.T.

13:14 7/6/2003

ela pertence ao véu verde da chuva
volta seu rosto frio e os curtos cabelos
na chuva insistente do meu olhar:
estar quase apaixonado é fingir-se meio-morto?
os passos de clown passam lateralmente pela calçada
da rua matriz : ela não pensa no pobre selenita :
entre o ar e a terra dócil
passa impassível coração rasgado
cansei desse lirismo peidorrento
quero agora descobrir teu lado cru
anti-a-musa-que-fica-debaixo-do-guarda-chuva
galatéia

correias do mundo-palco

(flexão entre os brados da maioria)

... em resposta ao soneto de Fabio Godoh, no prefácio.

sempre me achei um vagabundo
e ri muito nos filmes de Carlitos
e perdi as horas andando no ócio...
mas só me chamaram de burguês!

fiquei bastante ofendido: como se eu,
um autêntico filho pobre de mãe judia,
que nunca tive nada além das minhas ofensas,
poderia ser comparado com o consumo mediabundo!?!

berrei, esperneei, mas a tacha foi colocada.
(mesmo equivocada, protesto!)
eles todos riram e torceram as palavras:
- jurguês burreu, tu não vales nada!

ficar num canto da sala de jantar, entre talheres e acepipes,
e desistir do anarquismo em fronhas de camisa,
só fez tornar a grita mais imunda:
- burguês judeu, tu não és um vagabundo!

beber o vinho, ver o filme, comer a virgem!
contemporizar o mais que certo
vai me deixar com o busto em bronze:
fujo da pecha mas ganho a fama.

Lontra

quando o mundo se faz presente
uma voz com toda boca repete:

....
.....
....

lutra
ali no limo um tasto de maldade como pelota que queima a panturrilha
empresta o apupo de uma saudade nútria

pedra arremessada ao nada

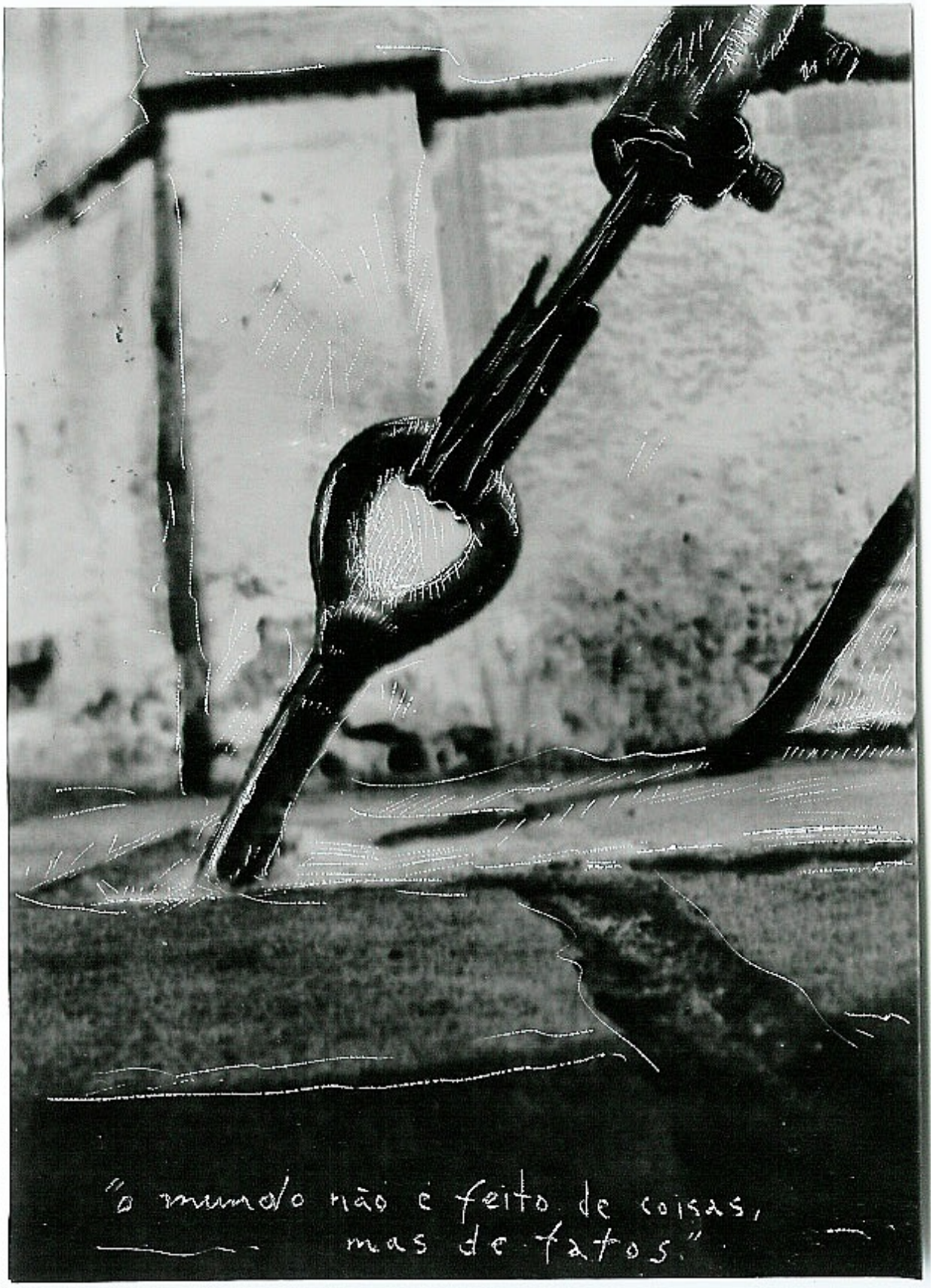
adeus ao nada
morte ao ser!
peca até o fim
sonha o entremeio
razão como lepra
beijo no sonho
neste que acaba
sendo meu mundo
beira o arremedo
de uma poça suja

O ÚLTIMO ESPELHO QUE REMETE AO SEU OLHO
´pe dor que bperde o r ejeieoi
LETRA MORTA BOCA EM PECHA
SEMENTE QUE SABE SEU GESTO
GOTA SOLTA GFPOGOJjaguacacaca

lontra

mantra

um
mun
duin
mun
dum


"O mundo não é feito de coisas,
mas de fatos."

óbice

insone

atômica. a noite choveu seus astros
amanhã serão estrelas nas calçadas
enchaquecadas pelo gengibre
bêbadas (não a noite) as gotas
que caem que caem que caem
cacoprofanas que caem em ré
amanheceu senão nem céu nem
aurora amanhecem: cor corpocéu
now i listen your voice é
lá mora em abismo poético
toma tombos e porres morais
ó porra ó sonho ó peçonha
bláblá du siècle de fin ó

rito ! o tiro amarelo anel ou
dia que conta-gotas o sol ?

setembro

remoto terremoto
passou por mim
como um fim-de-semana
que termina desse jeito
pontes passeiam
ao sol do meio-dia
- a mente vagueia
pelas estradas atrás
de carona – quer recordar
dos lugares mais desertos
intermináveis túneis
furando a serra, vias
tortuosas da moderna engenharia
- aí me rebenta esse abalo
sísmico da memória
trazendo pedaços de paisagem
enterrados entre a lama
os riachos de mão única
e a mata infestada de mosquitos
me deixam sofrendo
o temor dos passos
no escuro
- não sei de onde vem –
as rochas intácteis
rodeiam meu corpo
vítreo
preenchendo todo espaço
as nuvens quase negras
cobrem o céu
- daí não há mais
peixes no mar, nas águas,

acabou a gasolina nos postos
as raízes das árvores imensas
comeram o asfalto
- não há mais como voltar :
negro setembro no torreão

ka

o tempo atou
os pés
as mãos

o tempo
pedra meio terra
pesa semi tempo

a treva

o peso

mesmo na casamata
mostra seu medo dor

o vento voou
os pés pelas mãos
o amor pesou em meu peito

o penso

faceboca

face to face
boca a boca
bonde do tigrão
ou antinóia mundo

boca a boca
face to face
essa porra é loca
esse bagulho é bom
porra loca nóia
mundo

face to boca
loca nóia boa
no profundo mundo
dessa rede social

face boca nóia

viagens de um xamã virtual

O mundo mente porque pensa dentro da mente dum gigante.
Escorrega entre seus neurônios arbóreos, dança essa sonhada vida
Como um avatar no interior desse jogo jogado por deuses invisíveis !
Parede virtual e vício de conexão : passatempo imaginando consumo,
Perdemos o chão que nunca existiu : só uma ideia e intento no interior do programa.

Banido da casa de jogo, o poeta-xamã dança a sonhovida
Mas sabe que a ilusão também é uma lente da verdade e que nada disso existe
E assim tudo é possível – através da vontade ígnea poderosamente focada,
Através da transformação voluntária do enredo do sonho (self reprogramming)
Muda seu corpo em novas conexões dentro de territórios não usados do cérebro do gigante :

A casca é o Todo e o Todo é esse bit que você vê.

amo

soa
assoma
um som
no sim

soa
atroa
um som
no não

nãosim
simnão
beijo boca
vão tesão

sim e não
o amor
ressoa
à toa boca
troço louco

soa
assoma
um som
no sim
um som
no não

atoa

odeio

cara a cara
não vejo teu olho
olhar de pedra
pesa na cara

boca a boca
não se fala
o que foi o que será
pedra pensa a cara

dito pelo não dito
de caso pensado
me dás o troco
em moeda falsa

cara ou coroa
jogo sem graça
ninguém ganha
perdemos os dois

a mesa vira
o mundo gira
a boca cala
só a dor fala

cara a cara
perde-se a coroa

mas ganha-se um reino
de dor e traição

sem mais

a serpente do belo está em qualquer esquina

numa noite em que o desespero agonizava na falsidade
dum espelho torto de tudo que não-disse e não-fiz
deixei cair uma pétala de sonho, não a primeira nem a última
uma pequena pétala com um trilhão de rosas dentro

pra quem vai todo esse perfume ? pra quem as bodas e o buquê
do sonho ? ora, pra um trilhão de amores e infinitos sóis
essa rosa sinestésica que toca tudo e em todos de uma vez
e enlaça as paixões humanas no verdadeiro pleno encontro

saber sentir a rosa que vive na pétala
saber o sonho que sonha na rosa
saber o ser que é amor nisso tudo
o ser que é amor e rosa e sonho

um e multidão
nenhum e muitos
servo e senhor
do reino Amor

pra que o riso pra que o esgano ?
é só isso que sonhei ao cair da pétala
um mundo onde todas as coisas se tocam
um beijo compartilhado com os seres todos do mundo

um dia de sol uma lua plena
um filigrana de amor infindo



Índice

Preâmbulo

Dedicatória

Prefácio nada fácil

nume

- antimantra
- galatéia
- lóris
- sexagenário
- selo sete
- love horror movie
- olho antigo
- ovo
- angustura
- xxii

Ópio Povo

- illuminati
- o gulag
- ondas prata em noite negra
- pedra de roseta
- 12:30
- langanho
- espelhos e bugigangas
- wicca

destino estilo

besteira !

fragmentos iii

o coração das trevas

guano

rescaldo

puta dos olhos de pedra!

deserére

o mictório pictórico

dedalus jamais entrou no labirinto

circa uno

pontada

longe

mina

peneira

um dia de Lisabunda

natiture

este

S.T.

correias do mundo-palco

Lontra

mantra

óbice

insone

setembro

ka

faceboca

viagens de um xamã virtual

amo

odeio

a serpente do belo está em qualquer esquina

Índice

Créditos

Based on a work at http://ruriak.tumblr.com



Digno Ócio by Rodrigo Balan Uriartt is licensed under a Creative Commons : Atribuição - Uso Não-Comercial - Compartilhamento pela mesma Licença - 2.5 Brasil License. Copyleft texto, fotos, capa, projeto gráfico, editoração
by

Rodrigo Balan Uriartt

.
.u.r.
.jerusalém.ago.2012.
.:I UNDERSTAND AND AGREE:.



Maldoror rindo das letras atiradas ao velho oceano, celebrações de puro ócio para a multidão do ópio-povo, pontadas doce-agudas na melopéia de um anarquista-aristocrático... 'Digno Ócio' coleta 15 anos de fugas e transfigurações do conde Balan Uriartt, em suas velejadas pela perigosa criação da poesia. Concreto, Surrealista, neo-parnasiano, ultrarromântico - busca o sentido na música, ritmo, na dança das imagens... lá onde parece fugir dos conceitos frágeis. Poesia viril vestida em muitas personas, 'Digno Ócio' aclama a potência de um grito !